

De onde o irmão de Jared tirou a ideia das pedras brilhantes?

"E assim fez o Senhor com que as pedras brilhassem na escuridão para fornecer luz aos homens, mulheres e crianças, a fim de que não atravessassem as grandes águas na escuridão".

Éter 6:3

O conhecimento

Quando o irmão de Jared expressou sua preocupação com a falta de luz nos barcos que o Senhor havia instruído seu povo a construir, o Senhor respondeu: "Que desejais que eu faça, a fim de que tenhais luz em vossos barcos?" (Éter 2:23). Em resposta a esse convite, o irmão de Jared "de

uma rocha fundiu dezesseis pequenas pedras; e elas eram brancas e límpidas, como vidro transparente" (Éter 3:1).¹

Ele então pediu ao Senhor: "com teu dedo toca estas pedras, ó Senhor, e prepara-as para que brilhem na

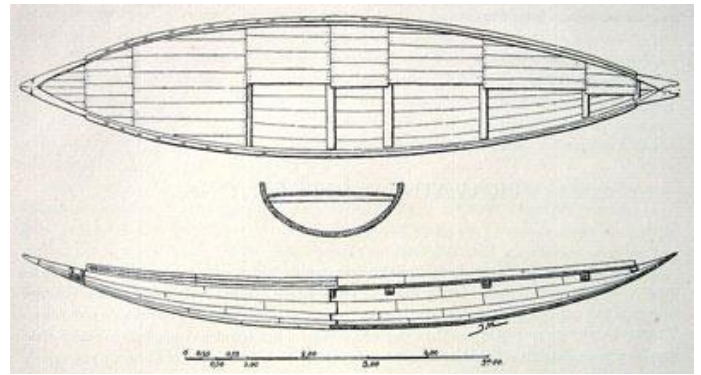
escuridão" (Éter 3:4).² Conforme solicitado, o Senhor as tocou "uma a uma" (v. 6), fazendo-as "brilhar na escuridão para fornecer luz aos homens, mulheres e crianças, a fim de que não atravessassem as grandes águas na escuridão" (Éter 6:3).



Hugh Nibley perguntou: "Mas quem deu ao irmão de Jared a ideia das pedras em primeiro lugar? Não foi o Senhor, que o deixou completamente sozinho, e, no entanto, o homem começou a trabalhar como se soubesse exatamente o que estava fazendo. Quem o colocou nisso?"³

Embora pedras que fornecem luz possa parecer um absurdo para alguns leitores modernos, as lendas sobre sua existência e importância foram amplamente difundidas por todo o mundo antigo.⁴ Com base em um conjunto substancial de textos antigos, John A. Tvedtnes relacionou as pedras brilhantes em Éter a objetos como o Urim e Tumim, ídolos brilhantes, terafins, pedras de santuário e pedras medievais brilhantes.⁵ Tvedtnes concluiu: "O relato das pedras usadas para iluminar os barcos Jareditas se encaixa muito bem em um corpus maior da literatura antiga e medieval"⁶

É particularmente relevante a maneira como as pedras brilhantes estavam diretamente ligadas à arca de Noé. No Talmude Babilônico, por exemplo, um comentarista judeu relatou que o Senhor instruiu Noé a "colocar nela pedras preciosas e joias, para que elas pudessem lhe dar luz, brilhante como o meio-dia".⁷ Outro antigo rabino judeu explicou: "Durante todos os doze meses em que Noé esteve na arca, ele não precisou da luz do sol durante o dia nem da luz da lua durante a noite, pois tinha uma joia polida que pendurou".⁸



Essas explicações judaicas são notáveis quando se considera que o texto em Éter 6:7 traça explicitamente um paralelo entre os barcos Jareditas e a arca de Noé: "a água não lhes causava dano, porque seus barcos eram ajustados como um vaso e também eram ajustados como a arca de Noé" (ênfase adicionada).⁹

Considerando que seu povo já estava construindo barcos segundo o modelo da arca de Noé, é possível que o irmão de Jared soubesse algo sobre as pedras que iluminaram a arca ao pensar em uma possível fonte de luz para os barcos de seu próprio povo.¹⁰ Nibley argumentou que o irmão de Jared estava simplesmente "seguindo o padrão da arca de Noé, pois nos registros mais antigos da raça humana a arca parece ter sido iluminada por pedras brilhantes".¹¹

O porquê



O conhecimento de fontes antigas que discutem as pedras brilhantes e a arca de Noé pode oferecer

percepções adicionais sobre a história do irmão de Jared. Por exemplo, em vez de confiar nos limites de sua própria imaginação criativa, o irmão de Jared pode ter demonstrado intencionalmente sua fé na libertação milagrosa de Noé e sua família, incluindo as pedras preciosas que, de acordo com uma variedade de fontes antigas, lhes deram luz em meio ao dilúvio. Quando o irmão de Jared comparou a história sagrada da salvação de Noé com a de seu próprio povo, pensou numa solução semelhante para o seu problema.¹²

De várias maneiras, essa história também ajuda a demonstrar o padrão da interação do Senhor com Seus filhos. Em alguns casos, Deus concederá bênçãos ou soluções a Seus filhos simplesmente porque eles têm fé para pedir (ver Éter 2:19-21). Em outras situações, o Senhor exige iniciativa, criatividade e esforço diligente por parte daqueles que buscam bênçãos ou soluções. O Élder Jeffrey R. Holland ensinou: "É evidente que o irmão de Jared estava sendo testado. O Senhor havia feito Sua parte, de modo milagroso, profundo e engenhoso Navios marítimos únicos e resolutos para cruzar o oceano haviam sido providenciados. [...] Agora Ele queria saber o que o irmão de Jared faria com relação ao inesperado."¹³



A história sobre essas pedras também está profundamente mergulhada em um rico simbolismo. M. Catherine Thomas, por exemplo, sugeriu que as pedras "evocam o Urim e Tumim", bem como a "pedra branca mencionada em Apocalipse 2:17".¹⁴ Thomas R. Valletta observou que, assim como a Liahona, as pedras "tipologicamente conduziram os Jareditas à terra prometida pelo poder de Cristo".¹⁵

Robert E. Clark viu as pedras transparentes, inicialmente desprovidas de luz, como um reflexo das "próprias limitações, o próprio vazio" do irmão de Jared que precisava ser "preenchido com luz".¹⁶ Thomas, da mesma forma, as via como fornecedoras "não apenas luz prática, mas também luz espiritual".¹⁷

Com essas interpretações em mente, vale a pena mencionar que as pedras só receberam sua luz depois que o Senhor tocou "uma a uma, com o dedo" (Éter 3:6). Nesse sentido, pode-se entender que a luz que proporciona revelação, que manifesta a verdadeira identidade de uma pessoa, que atua como um guia constante na escuridão e no perigo e que preenche o vazio do coração mortal com a verdadeira alegria e propósito divino, só pode ser acessada por meio do contato pessoal com Jesus Cristo.¹⁸ Por fim, o irmão de Jared acreditava que as pedras poderiam brilhar com luz porque ele tinha fé em Jesus Cristo, a verdadeira "luz e a vida do mundo" (3 Néfi 11:11).

Leitura Complementar

John A. Tvedtnes, "Glowing Stones in Ancient and Medieval Lore," *Journal of Book of Mormon Studies* 6, no. 2 (1997): pp. 99–123.

Hugh Nibley, *Lehi in the Desert/The World of the Jaredites/There Were Jaredites*, *The Collected Works of Hugh Nibley: Volume 5* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1988), pp. 358–379.

Hugh Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, *The Collected Works of Hugh Nibley, Volume 6* (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e FARMS, 1988), pp. 337–358.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Para uma discussão sobre antigas pedras transparentes formadas através de calor intenso, ver Hugh Nibley, *Lehi in the Desert/The World of the Jaredites/There Were Jaredites*, *The Collected Works of Hugh Nibley, Volume 5* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book

and FARMS, 1988), pp. 370–371. Para uma análise do termo "derreter", ver Royal Skousen, *Analysis of Textual Variants of the Book of Mormon: Part 6, 3 Nephi 19–Moroni 10* (Provo, UT: FARMS, 2006), p. 3754. Para uma discussão sobre o vidro no mundo antigo, ver Nibley, *The World of the Jaredites*, pp. 216–218.

2. Para obter mais informações sobre Gazelém, "uma pedra que brilhará na escuridão como luz" (Alma 37:23), consulte a Central das Escrituras, "Por que uma pedra foi usada como auxílio na tradução do Livro de Mórmon? (Alma 37:23)", KnoWhy 145 (26 de junho de 2017). Ver o artigo da Central das Escrituras, "Por que um vidente é maior do que um profeta? (Mosias 8:15)", KnoWhy 86 (18 de abril de 2017).

3. Hugh Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, 2nd edition (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1976), p. 285.

4. Para uma discussão sobre as críticas às pedras brilhantes nos navios Jareditas, ver Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, pp. 273–274. Para um estudo sobre a plausibilidade científica das pedras brilhantes, ver Nicholas Read, Jae R. Ballif, John W. Welch, Bill Evenson, Kathleen Reynolds Gee e Matthew Roper, "New Light on the Shining Stones of the Jaredites," em *Pressing Forward with the Book of Mormon: The FARMS Updates of the 1990s*, ed. John W. Welch e Melvin J. Thorne (Provo, UT: FARMS, 1999), pp. 253–255.

5. John A. Tvedtnes, "Glowing Stones in Ancient and Medieval Lore", *Journal of Book of Mormon Studies* 6, no. 2 (1997): pp. 99–123.

6. Tvedtnes, "Glowing Stones", pp. 122–123. Ver também, Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, pp. 290–291: "Os poucos recursos que o profeta poderia ter tido eram registros obscuros e confusos em textos que nem meia dúzia de homens no mundo podia ler, extraídos de fontes clássicas que eram totalmente sem sentido até a descoberta da chave — o grande épico de Gilgamesh — muito depois da publicação do Livro de Mórmon. Essa chave liga a pedra pyrophilus, o ciclo de Alexandre, os ritos sírios, as histórias do dilúvio babilônico e o Urim e Tumim juntos em uma tradição comum de imensa antiguidade e torna a história das pedras Jareditas não apenas plausível, mas verdadeiramente típica".

7. Babylonian Talmud: Tractate Sanhedrin 108b, trad. H. Freedman, ed. Isidore Epstein (London, UK: Soncino Press, 1935, reimpresso em 1952, 1956 e 1961), disponível em come-and-hear.com.

8. Midrash Rabbah, trad. H. Freedman, ed. H. Freedman e Maurice Simon (Londres, Reino Unido: Soncino Press, 1939, reimpresso em 1951 e 1961), p. 244, disponível em archive.org. Esta pedra brilhante é conhecida como o "tzohar" no misticismo judaico e está presente nas histórias de Noé e Abraão. Ver Rashi em Gênesis 16:66:16, B. Sinédrio 108b, B. Bava Batra 16b, Zohar 1:11a–11b. Ver também Howard Schwartz, *Tree of Souls: The Mythology of Judaism* (Nova York, NY: Oxford University Press, 2004), pp. 85–88; p. 332, para tradições sobre essa pedra brilhante.

9. Hugh Nibley explicou: "A descrição dos navios não sugere nada na Bíblia, onde, além de suas dimensões gerais (que são simbólicas), nada é dito sobre como realmente era a arca; mas corresponde exatamente à descrição daqueles navios sagrados de magur em que, de acordo com as primeiras histórias babilônicas, o herói do dilúvio foi salvo da destruição". Ver Hugh Nibley, *Since Cumorah, The Collected Works of Hugh Nibley, Volume 7* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1988), pp. 209–210. Como Cumorah foi originalmente exibido como uma série no *Improvement Era* de 1964–1967. Para paralelos entre os navios Jareditas e o navio na história das inundações babilônicas, ver Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, pp. 276–281.

10. A história de Noé e do dilúvio teria sido uma história relativamente recente para os Jareditas, que haviam se afastado "da grande torre, na época em que o Senhor confundiu a língua do povo" (Êter 1:33). Para obter informações sobre a historicidade da Torre de Babel, consulte Michael R. Ash, "Challenging Issues, Keeping the Faith: Is the Tower of Babel Historical or Mythological?" *Deseret News*, 27 de setembro de 2010, acesso em 28 de outubro de 2016 em deseretnews.com: "Quando iluminamos a Torre de Babel com a luz da ciência e dos estudiosos, encontramos algumas coisas interessantes. Primeiro, a palavra 'Babel' vem de uma palavra assírio-babilônica que significa 'Portão de Deus' e está relacionada a uma palavra hebraica que significa 'confusão'. Parece que o(s) autor(es) da história de Babel está(ão) fazendo um jogo de palavras para apresentar um ponto específico sobre a história. Também é interessante notar que o livro de Êter nunca menciona 'Babel', mas simplesmente 'a grande torre'." Para um extenso estudo da Torre de Babel, ver Jeffrey M. Bradshaw e David J. Larsen, *In God's Image and Likeness 2: Enoch, Noah, and the Tower of Babel* (Salt Lake City, UT: Eborn Books and The Interpreter Foundation, 2014), pp. 379–434.

11. Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, p. 285.

12. Quando Morôni fez sua longa interjeição em Êter 12, ele forneceu vários exemplos de profetas fiéis e, em seguida, colocou o irmão de Jared como o exemplo final de fé (Êter 12:20–21). Da mesma forma que o irmão de Jared obteve fé seguindo o exemplo de Noé, os leitores podem obter fé seguindo o exemplo do irmão de Jared, cuja fé era tão forte que "o Senhor nada pôde ocultar de seus olhos; portanto, lhe mostrou todas as coisas, porque ele não podia mais ser mantido fora do véu" (v. 21).

13. Jeffrey R. Holland, "Rending the Veil of Unbelief", em *A Book of Mormon Treasury: Gospel Insights from General Authorities and Religious Educators* (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2003), p. 55.

14. M. Catherine Thomas, "The Brother of Jared at the Veil", em *Temples of the Ancient World: Ritual and Symbolism*, ed. Donald W. Parry (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e FARMS, 1994), p. 391. Para saber mais sobre o Urim e Tumim, ver Paul Y. Hoskisson, "Urim e Tumim", *Encyclopedia of Mormonism*, 4 v. ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 4: pp. 1499–1500; Cornelis Van Dam, *The Urim and Tumim: A Means of Revelation in Ancient Israel* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1997); Matthew Roper, "Teraphim and the Urim and Tumim," *Insights: A Window on the Ancient World* 20, no. 9 (September 2000): p. 2. Stan Spencer, "Reflections of Urim: Hebrew Poetry Sheds Light on the Directors-Interpreters Mystery", *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 14 (2015): pp. 187–207.

15. Thomas R. Valletta, "Jared and His Brother", em *The Book of Mormon: Fourth Nephi Through Moroni, From Zion to Destruction*, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate, Jr. (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1995), p. 315.

16. Robert E. Clark, "The Type at the Border: An Inquiry into Book of Mormon Typology", *Journal of Book of Mormon Studies* 2, no. 2 (1993): p. 75.

17. Thomas, "The Brother of Jared at the Veil", p. 391.

18. A descrição de Cristo tocando pedras "uma a uma" e enchendo-as de luz é um símbolo de Seu padrão de ministério pessoal. Ver o artigo da Central das Escrituras, "Por que Jesus ministrou às pessoas 'uma a uma'? (3 Néfi 17:21)", KnoWhy 209 (20 de setembro de 2017).

